

## A Certidão de Valentim Fernandes, documento pouco conhecido sobre o Brasil de 1500

*Janaína Amado\**

*Luiz Carlos Figueiredo\*\**

O chamado “Ato notarial de Valentim Fernandes” — que, para maior clareza e adaptação ao português contemporâneo do Brasil, preferimos denominar de “Certidão de Valentim Fernandes” —, importante documento sobre a história dos primeiros anos do Brasil colonial, é pouco divulgado, tanto em nosso país como em Portugal. Datado de 20 de maio de 1503, está entre os raros manuscritos, como a carta de Pero Vaz de Caminha, que relatam, a partir de testemunhas, os primeiros contactos dos portugueses com os índios brasileiros. Foi elaborado em Lisboa pelo tabelião Valentim Fernandes, após o regresso da expedição de 1501-1502, enviada por Portugal à terra recém-encontrada com o objetivo de explorar-lhe o litoral, e da qual participou Américo Vespúcio. O documento foi lido por Valentim Fernandes durante um ato cerimonial revestido de muita pompa, na presença do rei D. Manuel I, da nobreza e de capitães-mores e pilotos que haviam ido à América.

O alemão Valentim Fernandes, natural de Mähre, na Morávia, também conhecido como Valentim Alemão, Valentim Fernandez e Valentim da Morávia, residiu desde cerca de 1495 em Lisboa, decerto atraído,

---

\* Professora titular do Departamento de História da Universidade de Brasília.

\*\* Pesquisador, jornalista, bacharel em Letras Clássicas e em Filosofia.

Esta versão da “Certidão de Valentim Fernandes”, acompanhada de introdução e notas, integra uma coletânea comentada de documentos sobre a viagem de Pedro Álvares Cabral, em preparo pelos autores.

como outros estrangeiros, pelas atividades comerciais, marítimas e culturais de Portugal. Era casado, provavelmente com uma alemã. Em Lisboa, Valentim foi tipógrafo, impressor, tabelião público, tradutor, interprete, epistolário e escudeiro da rainha D. Leonor, irmã de D. Manuel I e viúva de D. João II. D. Manuel nomeou-o, em fevereiro de 1503, corretor e tabelião público dos mercadores alemães residentes em Lisboa. Valentim conhecia o alemão e o latim, aprendendo depois bem o espanhol e o português, língua em que escreveu vários textos.

Seu trabalho como tipógrafo impressor foi muito expressivo. Publicou mais de vinte obras, sendo a primeira conhecida uma edição em quatro volumes, feita em 1495 com Nicolau da Saxônia, da *Vita Christi*, de autoria de Ludolfo Cartusiano, em tradução de Frei Bernardo de Alcobaça, provavelmente a segunda obra impressa em Portugal com caracteres móveis. Muito importante também foi sua edição, em 1502, daquela que hoje é considerada a primeira coletânea de viagens impressa em Portugal: *Marco Polo. O livro de Nicolau Veneto. O traslado da carta de um genovês das ditas terras*. Valentim Fernandes foi também autor de textos como "Crônica da Guiné" (1506, inspirado na *Crônica dos Feitos da Guiné*, de Gomes Eanes de Zurara) e "A descrição de Ceuta por sua costa de Maurtânia e Etiópia pelos nomes modernos" (1507), reunidos no chamado "Manuscrito Valentim Fernandes" (cf. Academia Portuguesa de História. *O Manuscrito "Valentim Fernandes" Oferecido à Academia por Joaquim Bensaúde. Acadêmico Titular Fundador. Leitura e Revisão das provas pelo Acadêmico Titular Fundador António Baião*. Lisboa, 1940). Faleceu em Lisboa, em 1518 ou 1519.

O original da "Certidão de Valentim Fernandes", escrita em latim, desapareceu. O que se conhece hoje é um traslado, também em latim, escrito e autenticado em agosto de 1504 por Silvério Wychhorst, tabelião e clérigo alemão, o qual se encontra na Wurtembergische Landesbibliothek, em Stuttgart, Alemanha. Faz parte do chamado "Códice Peutinger", constituído dos manuscritos pertencentes a Conrado Peutinger (1464-1547), erudito colecionador de documentos e antiguidades, banqueiro e conselheiro do imperador Maximiliano.

O traslado, ou cópia autenticada do documento, intitula-se "Navegação dos portugueses para além do círculo equinocial", tem data

de 4 de agosto de 1504 e transcreve, junto a uma instituição pública, a certidão (carta patente) de Valentim Fernandes. Este, no documento de 1503 transcrito, relata episódios da viagem de Cabral, vários costumes dos índios brasileiros e acontecimentos da expedição de 1501-1502, a primeira expedição exploradora à terra americana, baseado, segundo explica, em relatos de dois homens que haviam vivido durante 20 meses na Terra de Santa Cruz (provavelmente, dois dos quatro integrantes da esquadra de Cabral — dois degredados e dois marinheiros — que permaneceram em terra, quando a armada rumou para a Índia). A certidão de Valentim Fernandes tinha como objetivo certificar e validar a origem de duas peças (uma pele de crocodilo e uma figura, desenho ou escultura), oriundas da Terra de Santa Cruz e oferecidas por João Draba à uma capela de Bruges. Lida perante testemunhas que haviam participado da viagem de 1500, é um documento que corrobora informações de outros raros manuscritos de época, como a carta de Pero Vaz de Caminha e a correspondência de Américo Vesputio, e lhes acrescenta novos dados e pontos de vista.

O primeiro a divulgar o documento foi Frederico Kunstmann, que leu paleograficamente o manuscrito e o publicou em latim, em 1860. Em 1898, o historiador alemão Kurt Trubenbach, ao estudar a viagem de Américo Vesputio ao Novo Mundo, fez referência ao documento, o mesmo ocorrendo em 1924, com o italiano Alberto Magnaghi. Em língua portuguesa, o documento foi publicado pela primeira vez apenas em 1939, pelo português Abel Fontoura da Costa, que se serviu da edição latina de Kunstmann para traduzi-la ao vernáculo (Costa, A. Fontoura da. *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1939). Quase vinte anos depois, o historiador brasileiro T.O. Marcondes de Sousa publicou uma cópia do manuscrito, com nova leitura paleográfica e tradução do latim pelo professor Torquato de Souza Soares, da Universidade de Coimbra ("O ato notarial de Valentim Fernandes de 20 de maio de 1503", in: *Revista de História*, São Paulo: USP, Ano IX, n.º 34, Abril-Junho 1958, pp. 369-378). Nova divulgação, com outra leitura paleográfica e tradução do latim, foi feita em 1972, pelo historiador português Antonio Alberto Banha de Andrade (Andrade, Antonio Alberto de. "O Auto Notarial de Valentim Fernandes (1503) e o Seu Significado como Fonte Histórica", *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris: Fundação Calouste

Gulbenkian, Volume V, 1972), comentando e corrigindo as publicações anteriores.

O texto ora apresentado, em português contemporâneo, baseia-se nas três versões mencionadas do documento, estabelecendo com elas um diálogo, e em uma nova leitura paleográfica do manuscrito latino. Observações de caráter histórico e lingüístico estão contidas nas notas.

## O DOCUMENTO

### Navegação dos portugueses para além do círculo equinocial<sup>1</sup>

Em nome do Senhor, amém.<sup>2</sup> Pelo teor do presente instrumento público, seja notório e evidente a todos que, no ano do nascimento do mesmo Senhor de 1504<sup>3</sup>, na sétima indição<sup>4</sup>, dia 4 do mês de agosto, no primeiro ano do pontificado do santíssimo padre em Cristo e senhor nosso, Júlio II, papa pela divina providência<sup>5</sup>, o nobre e circunspecto varão Conrado von der Rosen, natural da região da Alemanha, possuindo e tendo em suas mãos certas cartas patentes<sup>6</sup> ou o instrumento publico abaixo

<sup>1</sup> Título escrito à margem do documento.

<sup>2</sup> Em nome do Senhor (In nomine Domini). Fontoura da Costa e Antonio Alberto de Andrade preferiram: "Em nome de Deus".

<sup>3</sup> Naquela época, o ano cristão começava no dia 25 de dezembro, data do nascimento de Jesus, e não em 1º de janeiro, como atualmente.

<sup>4</sup> Sétima indição. Sétimo ano de um período ou ciclo de 15 anos, iniciado três anos antes do nascimento de Cristo. Assim, o ano 1 d.C. representa o quarto ano da primeira indição. O sétimo ano de 1504 é igual a 100 indições (1500 anos) mais sete (três anos antes de Cristo, somados a mais quatro). É a chamada indição romana; para se obter a indição imperial, cuja data começava a 24 de setembro, aumentava-se um ano. Segundo Marcondes, a indição imperial, também designada "ocidental" ou "de Beda", foi muito usada na chancelaria imperial alemã desde o século X, existindo, também, "a indição (*sic*) impropriamente dita da chancelaria pontifícia, cujo início coincide com o dia 25 de dezembro ou 1º de janeiro".

<sup>5</sup> Júlio II governou de novembro de 1503 a fevereiro de 1513, Maio de 1504 enquadrava-se, portanto, no primeiro ano do seu papado.

<sup>6</sup> Certas cartas patentes. Marcondes traz o latim *cartas patentes litteras* e traduz apenas por *cartas patentes*. Andrade traz o latim *certas patentes litteras* (*sic*, com um *l*) e traduz por *certas cartas patentes*. Conrado von der Rosen foi provavelmente o intermediário ou representante de Conrado Pentinger, o colecionador que se interessava pela certidão de Valentim Fernandes.

transcrito — com o selo e assinatura do honrado varão, o senhor Valentim Fernandes, da Morávia, tabelião público por autoridade do sereníssimo rei de Portugal<sup>7</sup>, escritas e munidas da sua assinatura —, apresentou e entregou-as (e pediu que lhe fossem devolvidas) a mim, tabelião público abaixo assinado, para daí extrair um instrumento público ou cópia em forma de “Vidimus”<sup>8</sup>, com o seguinte teor:

Uma frota de 13 grandes navios<sup>9</sup> do potentíssimo Manuel I, primeiro rei de Portugal e dos Algarves, de Aquém e Além-mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, da Navegação e do Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia<sup>10</sup>, partiu do porto de Lisboa, empório riquíssimo, dirigindo-se à Índia de aquém Gânges<sup>11</sup>, descobriu-nos, pela divina providência, no mar desconhecido, sob a linha equinocial, um outro orbe, ignorado por todos os autores<sup>12</sup>, no ano do parto de Nossa Senhora de

<sup>7</sup> D. Manuel nomeou Valentim Fernandes, em fevereiro de 1503, tabelião público e correitor dos mercadores alemães de Lisboa. Fontoura, Marcondes e Andrade preferem o termo “notário”, usado em Portugal; no Brasil atual, “tabelião” é mais difundido.

<sup>8</sup> Vidimus. Forma pela qual uma pessoa autorizada copia um documento, garantindo que ele foi visto (Vidimus = Vimos) e que a cópia é fiel ao original; cópia exata de um documento feita por uma pessoa autorizada, na presença do original. Forma muito usada no meio diplomático da época, em alguns países europeus. Comentário de Marcondes: “Esta forma de transmissão diplomática usou-se freqüentemente em França, nos diplomas de Luis IX; mas só entrou no formulário da chancelaria real a partir do século XIV. Trata-se, não de uma cópia notarial, mas da expedição autêntica de um diploma sob a garantia de uma autoridade constituída, expedição de que, em geral, se suprimem as cláusulas formulárias.”

<sup>9</sup> Esse trecho confirma a informação de que a armada de Cabral era composta por 13 navios.

<sup>10</sup> O longo título de D. Manuel, um costume da época, foi adotado após o regresso da armada de Pedro Álvares Cabral. O cronista oficial João de Barros explica: “Pois, vendo el-rei D. Manuel esta universal regra do mundo, e que seus antecessores sempre trabalharam pela conquista dos infiéis, mais que por outro injusto título, acrescentar o de sua coroa, e el-rei D. João, seu primo, como de caminho, por razão da empresa que este reino tomou em descobrir a Índia, tinha tomado por título ‘senhor de Guiné’, continuando com ele, acrescentou estes três: senhor da navegação, conquista e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.” (Barros, João, *Décadas*, Década I, Livro VI, Capítulo I, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1946, Volume I, p. 195).

<sup>11</sup> Dirigindo-se à Índia de aquém Gânges (profecta versus Indiam intra Gangem), Fontoura traduz: “partindo para a Índia, [descobriu] aquém do Ganges”. Marcondes: “dirigida para a Índia, aquém do Gânges”.

<sup>12</sup> Um outro orbe ignorado por todos os autores (alium orbem omnibus auctoribus incognitum). Essa passagem lembra trecho da carta de Américo Vespúcio a Lorenzo di Medici, conhecida como “Novo Mundo”, escrita provavelmente em 1503, que diz: “...os quais [países novos] Novo Mundo chamar é licito, porque entre os antepassados nossos de nenhum deles se teve conhecimento, e a todos aqueles que isso ouvirem será novíssima coisa.” (Américo Vespúcio, *Novo Mundo, Cartas de Viagens e Descobertas*, Porto Alegre: L&PM, 1984, pg. 89). Andrade traduz alium orbem por “novo mundo”.

1500, no último dia de abril<sup>13</sup>; comandava-a o estrênuo cavaleiro<sup>14</sup> Pedro Álvares Cabral.

Os habitantes [desse orbe] não têm fé nem religião ou idolatria e nenhum outro conhecimento do seu Criador<sup>15</sup>; nem se sujeitam a leis nem a algum domínio, a não ser ao conselho dos velhos. Nada possuem de próprio, e tudo é em comum, exceto as esposas: todos, homens e mulheres, andam totalmente nus, nem cobrem as vergonhas, salvo em certos dias festivos, quando alguns deles pintam os corpos de várias cores; outros, depois de untar o corpo, cobrem-no com pequenas penas de aves, de diversas cores, e outros prendem ao corpo penas grandes para imitar as aves.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> A data correta de quando a esquadra de Cabral avistou terra é 22 de abril, segundo a carta de Caminha. Os cronistas portugueses do século XVI (Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Damião Gois, Jerônimo Osório, Gaspar Correia) registram 24 de abril. A carta de Caminha foi divulgada pela primeira vez, e de forma resumida, somente em 1793, em Madrid, pelo historiador Juan Bautista Muñoz.

<sup>14</sup> Estrênuo cavaleiro (*strenuus miles*). A tradução literal de *miles* é "soldado". Todavia, no contexto, fica bem "cavaleiro", como traduziram Fontoura, Marcondes e Andrade. Este último traduziu *strenuus* (cujo termo mais próximo em português é "estrênuo") por "esforçado"; melhor seria "corajoso" ou "valente".

<sup>15</sup> A impressão de que os indígenas não possuíam crença ou religião foi comum a diversos documentos europeus da primeira metade do século XVI sobre o Brasil. Esta presente na Carta de Pero Vaz de Caminha, na correspondência de Américo Vesputio e nos relatos de vários dos primeiros visitantes e viajantes. O trecho mais conhecido sobre o assunto, e talvez o que melhor e mais claramente resume a ideia, levando-a mais longe, contudo, é de outro autor: "A lingua deste gentio todo pela costa é uma; carece de tres letras: não se acha nela F nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé nem Lei nem Rei, e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente." (Gandavo, Pero de Magalhães, *Tratado da terra do Brasil e história da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972). Impressões como essas, profundamente eurocêntricas, dos primeiros observadores europeus sobre os nativos do Brasil, foram comuns. A referida por Valentim Fernandes talvez tenha sido reforçada pela ausência, entre nossos índios, de templos convencionais e de clero organizado, sinais que os europeus se haviam habituado a identificar com a existência de religiões; pois os tinham encontrado entre, por exemplo, os muçulmanos e os budistas. A aparente ausência de estátuas religiosas e de totens entre os nativos do Brasil - objetos que os europeus haviam localizado entre vários povos africanos e entre outros índios americanos, como os astecas, e que identificavam com a prática da idolatria - sugeriu-lhes a ideia de que nossos indígenas também não eram idólatras. A ausência de heresias e idolatrias facilitava, segundo o pensamento católico da época, o trabalho de catequese.

<sup>16</sup> Para imitar as aves (*ad simulationem simulationem avium*). A leitura paleográfica permite duas interpretações de uma palavra que se acha abreviada: *simulationem simulationem* ("para assemelhar-se às aves; para simular ou aparentar as aves"). Marcondes interpreta *ad simulationem avium* e traduz por "à imitação das aves". Andrade prefere *ad simulationem avium* e traduz "para se assemelharem às aves". Na tradução de Fontoura aparece: "à maneira de aves".

Os homens são de cor parda, de longos cabelos negros, e lisos, não crespos, como os etíopes<sup>7</sup> que habitam no mesmo paralelo; de porte jovem<sup>8</sup>, corpo robusto, rosto amplo, olhos pequenos, com orifícios<sup>9</sup> no queixo e outros diversos [orifícios] na face, onde colocam pedras ou ossos, por motivo de beleza. Todos os homens são imberbes, pois as mulheres lisas extraem os pelos<sup>10</sup>, e outros trazem barba pintada. Os homens copulam com as mulheres não em público e com exceção de dois graus, a saber: filho com a mãe ou pai com filha, nem irmão com a irmã, e não se acariciam<sup>11</sup>.

Comem carnes assadas ou cozidas de aves e também de todos os animais, e ainda humanas, dos inimigos<sup>12</sup>, e de peixes e

<sup>7</sup> Não crespos, como os etíopes. Andrade traz o latim *corio ceribus nigris longis atque planis non crispis velut Aethiopes*, mas não a tradução ("de cabelo preto, comprido e corrediço, como os etíopes"). Etíopes é utilizado no texto como sinônimo de "africanos". Note-se como observações a respeito de um povo recém-encontrado, como os nativos do Brasil, buscava-se na analogia com modelos europeus ou com referências a povos contatados também, há pouco, como os africanos.

<sup>8</sup> Porte jovem (porte atlético). Fontoura e Marcondes traduzem *statura recenti* por "estatura pequena". Andrade traduz como "estrutura fresca", comentando que *recenti* refere-se a tempo e pode significar "fresco, novo, não fatigado". A juventude, robustez e beleza dos corpos dos indígenas foram assinaladas em quase todos os primeiros documentos escritos pelos europeus.

<sup>9</sup> Orifícios (foramina). O texto latino de Andrade traz *foramine*.

<sup>10</sup> Todos os homens são imberbes, pois as mulheres lisas extraem os pelos (*et omnes imberbes, quorum pili rosoreo extrahunt*). Fontoura traduziu: "todos os homens são imberbes e as mulheres arrancam-lhes os pelos". Marcondes: "todos os homens são imberbes, cujos pelos as esposas extraem". Andrade: "os homens são imberbes, mas porque as mulheres lisas extraem os pelos". A ausência de barba e os poucos pelos nos corpos dos índios chamou muito a atenção dos primeiros europeus a terem contato com eles. Da mesma forma, a presença de barba e de pelos nos brancos foi frequentemente assinalada nos textos asiáticos e nos textos escritos na América com base nos relatos dos indígenas.

<sup>11</sup> E não se acariciam (*nullum blandum habentes*). Tanto Marcondes quanto Andrade entendem a palavra original como o latim *nullum blandum habentes*. Marcondes traduz: "não tendo nenhum gesto acariciador"; ele também admite a palavra latina *blandimentum* (carícia, afago), assinalando: "No original, a palavra que, sob reserva, traduzimos por acariciador, está expressa apenas pelas seguintes letras: *bladi*, com um grande traço, como sinal abreviativo, a cortar a haste do *de*". Certo é, porém, que a leitura *blandum*, que seguimos, e perfeitamente correta, podendo estar implícita a expressão "gesto" ou "atitude", o que dá a frase um sentido que nos parece mais consentâneo". Andrade traduz: "não usando blandícios". E Fontoura traz interpretação bem diferente: "não têm brado algum" e na nota explica: "grito esforçado".

<sup>12</sup> Inimigos. Ao contrário de textos posteriores, que passaram a descrever a antropofagia como prática normal e indiscriminada entre os nativos do Brasil, a Certidão de Valentim Fernandes, como outros documentos da primeira metade do século XVI, escritos por testemunhas oculares dos costumes dos índios brasileiros ou baseados nos relatos destes testemunhas, aponta a antropofagia dos índios como restrita aos inimigos.

crocodilos<sup>25</sup>; fabricam<sup>26</sup> vinho do milho<sup>26</sup>; todos os animais são diferentes dos nossos, com exceção dos porcos, e as árvores, as aves e as ervas. Encontram-se aí os maiores crocodilos, contudo menos ferozes do que os da Etiópia<sup>26</sup>, que também comem homens; a presente pele mostra o corpo de um verdadeiro crocodilo.

Via-se a terra com espessas florestas<sup>27</sup> e rios muito grandes, da qual nos trouxeram: pau-brasil, cassia lignea e outras canafistulas<sup>28</sup>, e ainda papagaios de diversas espécies.

Passados, pois, os dois anos seguintes, outra frota do mesmo cristianíssimo rei, destinada para isso, seguindo o litoral daquela terra, por quase 760 léguas, encontrou no povo um língua<sup>29</sup> e batizou inumeros deles,

<sup>25</sup> Crocodilos (cocodrillos). Andrade traduz por "lagartos", aqui; logo a seguir, traduz por "crocodilo", explicando: "quando o homem come, e "lagarto", quando é comido, e por "crocodilo". Fontoura e Marcondes trazem: "crocodilos".

<sup>26</sup> Fabricam (conficiunt). A leitura paleográfica de Marcondes e confirmunt, que traduz por "fazem". Andrade traz conficiunt, que traduz por "extraem". Fontoura traduz por "fazem".

<sup>26</sup> Marcondes explica, e Andrade repete: os nativos fabricavam diversas bebidas fermentadas com mandioca mansa, milho, café, ananás e gengibre.

<sup>26</sup> Etiópia. A época, este topônimo era muitas vezes usado para designar toda a África.

<sup>27</sup> Via-se a terra com espessas florestas (Terra nemoribus spissis... videbatur). Fontoura e Marcondes desconsideraram aqui o verbo videbatur. Fontoura traduz: "A terra é cheia de bosques espessos". Marcondes: "A terra (está coberta) por bosques espessos".

<sup>28</sup> Pau-brasil, cassia lignea e outras canafistulas (ligna Brasiliæ et cassia lignea et aliaque cassia fistula). Fontoura: "pau do Brasil e os pau de canela e outros que pareciam pau de canela". Marcondes: "pau de brasil e a caneleira arborea e outra que era parecida com pau de canela". Fontoura e Marcondes utilizam aqui o verbo videbatur (pareciam era parecida), desconsiderado para concordar com "terra" (nota anterior). Andrade traz: "pau-brasil, cassia lignea e outras cassias fistulas". A tradicional caneleira aromática da Índia não existia no Brasil: neste pau havia outras espécies usadas para madeira, algumas aromáticas.

<sup>29</sup> Um língua (unam linguam). Ou seja, um intérprete. Fontoura compreendeu de modo diferente: encontraram naqueles povos apenas "uma língua". Marcondes traz "um intérprete". Andrade traz "uma língua", no feminino, mas como sinônimo de intérprete, comentando ter sido corrente, nos séculos XV e XVI, a designação de "língua" para "intérprete"; acrescenta que não vê necessidade de mudar o gênero para masculino, pois João de Barros o teria usado no feminino, com o sentido de intérprete. Hoje em dia, os especialistas em história do império português vêm preferindo usar o termo "língua", como sinônimo de "intérprete", no masculino. A presença dos "línguas" (muitas vezes grafado "lingoa-lingoas", nos documentos lusos dos séculos XVI a XVIII) tornava-se muito importante no processo de conquista e colonização portuguesa, especialmente nos primeiros anos, quando o desconhecimento dos idiomas nativos das terras recém-encontradas, por parte dos conquistadores, era completo ou quase completo. Mais tarde, o ofício de "língua" tornou-se regulamentado em várias regiões do império luso. Ver nota nº 37 sobre os homens deixados por Cabral no Brasil, com o objetivo explícito de se tornarem "línguas".

finalmente, [indo] na direção do sul, chegou à altura de 53 graus do pólo Antártico. Encontrado máximo frio no mar, regressou à pátria.<sup>30</sup>

O egrégio varão João Draba manda essa imagem, isto é, daqueles homens, e a presente [pele] de crocodilo<sup>31</sup> — em memória do sereníssimo rei — à capela do sangue de Cristo, constituída<sup>32</sup> em Bruges, cidade da Flandres, para louvor de Deus onipotente e da pátria, no mês de maio do ano da salvação de 1503.

E eu, Valentim Fernandes, da Morávia, tabelião público por autoridade do mesmo invictíssimo rei de Portugal, li estas presentes cartas perante a régia majestade e seus barões<sup>33</sup>, supremos capitães e pilotos ou governantes dos navios da sobredita terra dos antipodas<sup>34</sup>, com o novo nome de Terra de Santa Cruz; e todos as confirmaram a uma só voz. E

<sup>30</sup> Voltou para a pátria. Refere-se ao retorno a Portugal da primeira expedição lusa mandada a América após a viagem de Cabral. Composta de três navios, foi enviada por D. Manuel em 1501, para explorar o litoral de Vera Cruz. Até o início do século XX, alguns historiadores negaram a existência dessa expedição, e até hoje há dúvidas sobre quem a teria comandado: Gonçalo Coelho, Gaspar de Lemos, Fernão de Loronha? Amerigo Vespuccio dela participou. O cronista Antônio Galvão assim registrou, em 1503, o percurso da expedição: "Neste mesmo ano de 1501, mes de maio, partiram tres navios da cidade de Lisboa, por mandado do rei D. Manuel, a descobrir a costa do Brasil. E foram a ver vista das Canarias; e daí o cabo Verde; tomaram refresco em Bezeguiche; passada a linha da parte do sul, foram tomar terra no Brasil, em cinco graus de altura; e foram por ela até trinta e dois, pouco mais ou menos, seguindo sua conta. Donde se tornaram no mês de abril, por haver já lá frio e tormenta; puseram nesse descobrimento e viagem quinze meses, por tornarem a Lisboa na entrada de setembro" (Galvão, Antônio, *Tratado dos Descobrimentos*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1987, pp. 94-95). Valentim Fernandes confirma essa expedição lusitana ao Brasil.

<sup>31</sup> A imagem dos homens — em desenho ou escultura? — e a pele de crocodilo foram levadas da Terra de Santa Cruz até Portugal na expedição de 1501/1502. Esse fato é que o documento de Valentim Fernandes quer evidenciar, autenticando a origem dos dois objetos.

<sup>32</sup> Constituída (constituta). A leitura paleográfica de Marcendes encontrou *constructa*, isto é, "construída". Fontoura traduz por "fundada" a palavra que leu em Kunstmann.

<sup>33</sup> E seus barões (et suis baronibus). Andrade prefere: "e seus fidalgos". A presença do rei e da nobreza para a leitura da certidão demonstra a importância do ato e o prestígio de Valentim Fernandes.

<sup>34</sup> Antipodas. Local oposto ao mundo conhecido na Europa daquela época, considerado pelos geógrafos clássicos como inabitável pelos seres humanos, principalmente a área situada ao sul do equador. Toda a cartografia medieval ocidental foi dominada pela noção dos antipodas. Durante a expansão marítima, os portugueses ultrapassaram em 1472 essa linha imaginária, descobrindo habitantes na considerada zona tórrida, na África, e assim provando que ela podia ser habitada.

coligi todas essas coisas de um livro escrito por mim<sup>35</sup> segundo o relato de dois antigos<sup>36</sup> homens da mencionada terra, mediante os dois supra-citados, os quais durante 20 meses lá moraram.<sup>37</sup> E afirmo que todas essas coisas são verdadeiras, pelo que vi e me relataram, em cujo testemunho aponho o meu sinal público. Ano de 1503, vigésimo dia de maio, assim supra-escrito. Valentim Fernandes, que examinei<sup>38</sup> estas cartas. E as quais<sup>39</sup> eu, clérigo Silvério Wyenhorst<sup>40</sup> de Colônia, confirmo.<sup>41</sup>

<sup>35</sup> O livro que Valentim Fernandes afirma haver escrito infelizmente nunca foi encontrado.

<sup>36</sup> Relato de dois antigos homens da mencionada terra (relacione duorum antiquorum virorum terre supradicte). Andrade: "relato de dois homens anciãos da terra sobredita". Marcondes: "relação de dois homens antigos da terra sobredita". Fontoura omite a tradução de antiquorum.

<sup>37</sup> Em 1500, antes de seguir para a Índia, Pedro Álvares Cabral deixou no Brasil dois degredados (um deles, citado na carta de Caminha, chamava-se Afonso Ribeiro) e dois marinheiros (ignoram-se seus nomes), com o objetivo explícito de se misturarem com os indígenas, aprendendo suas línguas e costumes. Foram os primeiros habitantes brancos do Brasil. Desses quatro, dois (pelo menos um degredado) regressaram a Portugal com a expedição de 1501-1502, prestando informações e testemunhando sobre as novas terras. É possível que eles tenham sido os informantes referidos na certidão de Valentim Fernandes.

<sup>38</sup> Examinei estas cartas (quas quidem...?...). No manuscrito há duas palavras de difícil leitura. Andrade tenta *quas quidem licteras recensuit*(?), que traduz por "revi (?) estas cartas". Marcondes interpreta *quas quidem notavit*(?) etc. e traduz "as quais em verdade noto (...) etc.". E Fontoura: "esta carta em verdade etc."

<sup>39</sup> As quais (quas). No original latim: *q.*, interpretada por Fontoura, Marcondes e Andrade como *qua* (porque).

<sup>40</sup> Silvério Wyenhorst. Fontoura traz: Liberto Wigenhoist.

<sup>41</sup> Confirmo (?). A última ou as últimas palavras do manuscrito ainda não foram decifradas. Andrade aceita *confirmo*(?) ou *do fidem* e traduz por "confirmo (?)". Marcondes prefere as referências. Fontoura traz um "etc.", com uma nota, assinalando que é tradução fiel do documento transcrito em latim por Kunstmann.